TÉCNICAS E FERRAMENTAS UTILIZADAS POR GESTALT-TERAPEUTAS NO ATENDIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM TRANSTORNO MENTAL

Raíza Meir Knust Leppaus[1]

RESUMO: O presente trabalho apresenta uma análise acerca da aplicação de técnicas e utilização de ferramentas de intervenções psicoterapêuticas, no atendimento realizado com crianças e adolescentes que convivem com algum tipo de transtorno mental, segundo a visão teórico-prática da abordagem da Gestalt-Terapia. Buscamos ainda, examinar as principais técnicas e ferramentas que podem ser utilizadas por Gestalt-terapeutas na realização desse tipo de atendimento, procurando abordar a importância da utilização desses instrumentos terapêuticos de intervenção, para o desenvolvimento de uma relação terapêutica transformadora e promotora de saúde mental.

Palavras-chaves: Gestalt-Terapia; atendimento de crianças e adolescentes; técnicas e ferramentas de intervenção.

INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva refletir sobre o trabalho psicoterapêutico realizado no atendimento de crianças e adolescentes com transtorno mental, bem como a formação necessária para o desenvolvimento de metodologias clínicas indispensáveis para a construção de práticas psicoterapêuticas fundamentadas nos estudos desenvolvidos segundo o direcionamento da Gestalt-Terapia. Abordamos, ao longo deste texto, que as técnicas e ferramentas utilizadas no atendimento a crianças e adolescentes precisam de conhecimento específico do profissional da Gestalt-Terapia por se tratar de pessoas com transtorno mental e que, portanto, necessitam de práticas clínicas diferenciadas, as quais lhes garantam um processo psicoterapêutico de qualidade, além de um espaço especializado para o atendimento à essas crianças e adolescentes.

Por vezes, o atendimento psicoterapêutico realizado com crianças e adolescentes, tem despertado interesse de psicólogos, psicoterapeutas e Gestalt-terapeutas de todo mundo. Por

[1]Psicóloga, Graduada pela MULTIVIX, Especialista em Gestalt-terapia e Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, pela Faculdade Unileya: E-mail: psi.raiza@gmail.com.

se tratar de uma demanda que vem, a cada dia, multiplicando-se expressivamente e que frequentemente tem procurado atendimento psicológico em nossos consultórios.

Fato que tem nos levado a busca da criação e a efetivação de um método clínico, que melhor possa atender esse público, visando o desenvolvimento de um vínculo terapêutico saudável, de respeito e confiança, e que seja capaz de surtir efeitos significativos na vida de um ser humano, através do acompanhamento e tratamento psicoterapêutico. Nos casos, por exemplo, de crianças e adolescentes que possuem algum transtorno mental, essa tem sido uma preocupação crescente e ao mesmo tempo necessária, por parte de psicólogos em geral e psicoterapeutas que realizam esse tipo de trabalho clínico, pelo viés de diferentes abordagens, existentes no campo das psicoterapias. Preocupação essa que, não seria para menos, também existe da parte dos profissionais da Gestalt-Terapia.

Devido a questão de que somente a utilização da escuta terapêutica não pode ser considerada único instrumento de intervenção usado na Gestalt-Terapia, tampouco única técnica suficientemente capaz de conduzir todo um processo terapêutico de uma criança ou de um adolescente. Fazer com que o acompanhamento psicológico desse público possa fluir de maneira eficaz, a realização desse tipo de trabalho psicoterapêutico tem apresentado muitos fatores desafiadores para a atuação clínica do Gestalt-terapeuta, os quais nos levam a refletir sobre como o uso de instrumentos e recursos terapêuticos, técnicas e ferramentas, voltadas especificamente para o acompanhamento psicoterapêutico de crianças e adolescentes, podem contribuir para o andamento satisfatório desse processo.

Por conta disso, uma busca mais aprofundada por um conhecimento conceitual e técnico cada vez maior acerca das ferramentas de intervenção terapêutica oferecidas pela Gestalt-Terapia, em atendimentos psicoterapêuticos, realizados com crianças e adolescentes, podem servir como um fator decisivo para a construção de um processo terapêutico, capaz de promover saúde, equilíbrio e uma verdadeira cura terapêutica.

Assim, a realização do acompanhamento psicológico de crianças e adolescentes tem exigido um maior preparo e o aprofundamento de psicólogos e Gestalt-terapeutas sobre as técnicas e ferramentas voltadas para o atendimento e tratamento de crianças e adolescentes que encontram-se em situação de transtorno mental e como a utilização desses instrumentos podem colaborar para o acolhimento desses indivíduos, seja através da utilização de recursos terapêuticos, seja por meio da relação construída com o próprio psicoterapeuta.

Para tanto, analisar o uso de técnicas e ferramentas de intervenção psicoterapêutica inclinadas para o atendimento de crianças e adolescentes que apresentam demandas

relacionadas com transtornos mentais é de suma relevância, tanto para psicólogos, Gestalt-terapeutas, quanto para profissionais, psicoterapeutas outros, que pretendem trabalhar com o atendimento psicológico, direcionado especificamente para esse público.

1 TÉCNICAS E FERRAMENTAS NA GESTALT-TERAPIA: UMA EXPERIÊNCIA PRÁTICA

Durante muito tempo, sabemos que indivíduos com transtornos mentais, eram completamente desconsiderados de todos os contextos de nossa sociedade. Até os dias atuais, muitos ainda são os estigmas que circundam a questão do transtorno mental, gerando dificuldades cada vez maiores para os indivíduos que convivem com esse tipo de realidade.

A Gestalt-Terapia, como uma abordagem de caráter humanista e existencial, preocupa-se antes de mais nada, com o ser humano em sua totalidade. Cardoso (2009, p. 127) aponta que:

> A fundamentação filosófica da abordagem Gestáltica baseia-se em princípios do humanismo, do existencialismo e da fenomenologia. O homem é concebido como um ser de possibilidades e de potencialidades, as quais devem ser valorizadas ao longo do processo terapêutico.

A visão humanista e existencial da qual a Gestalt-Terapia está associada relaciona-se intimamente com o seu entendimento de que o ser humano é um ser dotado de múltiplas características, que cada ser humano é um universo único, incomparável, composto por uma soma de partes, ao mesmo tempo que é um todo, um ser possuidor de potencialidades.

Paula (2013, p. 354) afirma que:

> Observando os portadores de transtorno mental, crendo e valorizando suas potencialidades, temos um olhar diferenciado sobre os mesmos, que gera mudanças significativas na nossa atuação profissional na área de saúde mental. Com estes "óculos" podemos construir planos terapêuticos, também chamados projetos terapêuticos, mais assertivos e coerentes com as características pessoais de cada indivíduo, favorecendo assim o estabelecimento de vínculos terapêuticos e comprometimento desses clientes com seu tratamento.

Esse entendimento nos esclarece e reforça um resumo do panorama clínico, teórico e prático da Gestalt-Terapia, como sendo uma abordagem psicoterapêutica, a qual deposita um valioso interesse pelo campo da saúde mental, no atendimento e tratamento de sujeitos acometidos por transtornos mentais, ultrapassando o limiar limitante da doença, deixando-a de certo modo, como plano de fundo no acompanhamento desses clientes, para dedicar-se

especialmente, em suas potencialidades, acreditando nas mesmas como vetor primordial para a criação de um vínculo terapêutico capaz de promover verdadeiras mudanças e transformações.

Seria o mesmo que dizermos que na verdade a intenção e objetivo psicoterapêutico da Gestalt-Terapia não estão voltados exatamente para os transtornos mentais em si, mas com as potencialidades que todo indivíduo possui, tendo ele transtorno mental ou não. O que também reforça a ideia de que o olhar gestaltico é um olhar sobre a totalidade humana, sobre o todo, não um olhar limitado ou voltado para uma única parte compositora do indivíduo.

Considerar um ser humano apenas por sua característica de possuir um transtorno mental seria como desconsiderarmos completamente as potencialidades desse indivíduo. Dentro do contexto clínico psicoterapêutico, quando o Gestalt-terapeuta compreende esse indivíduo como um ser dotado de potencialidades, a adesão do acompanhamento psicoterapêutico por parte do cliente torna-se uma realidade possível.

Os esforços da Gestalt-Terapia concentram-se nessas potencialidades de cada indivíduo, que podem ser traduzidas em sua forma singular e única de ser e estar no mundo, expressando sua existência e sua maneira tão própria de colocar-se na realidade que o cerca.

Além disso, o acompanhamento psicoterapêutico de pessoas com transtornos mentais, realizado segundo os preceitos clínicos da Gestalt-Terapia, pode vir a contribuir de maneira decisiva para um rompimento gradativo da cultura de exclusão, preconceito e discriminação, que infelizmente persiste até os dias de hoje e que circundam as crenças acerca dos transtornos mentais e, principalmente, acerca das pessoas que possuem um transtorno mental, como é apontado por Paula (2013, p. 354):

> Considerando que estamos em um mundo em transformação, a gestalt-terapia apresenta-se como um excelente referencial teórico para embasar práticas de inclusão social que visam uma mudança cultural, de uma postura de exclusão, preconceito e desvalorização da qual há décadas os portadores de transtorno mental são submetidos.

Trabalhar as potencialidades de um ser humano em terapia é dar-lhe a possibilidade de viver sua humanidade e sua existência, sucumbindo qualquer forma de doença ou transtorno mental culturalmente estigmatizada. Essas características teóricas e clínicas da Gestalt-Terapia reforçam também os ideais Humanista e Existencial, duas das correntes filosóficas condutoras da abordagem, como importantes referenciais teóricos para se pensar possíveis práticas de inclusão social desses sujeitos, em diferentes contextos de nossa sociedade.

Vale a pena ressaltar que a ideia principal deste trabalho não está voltada para o intuito de se buscar definições para o que chamamos de transtorno mental. Pelo contrário, estamos buscando analisar as questões em torno dos transtornos mentais de maneira bastante ampla, sem nos ater a definições de conceitos, descrições ou rotulações, permitindo-nos lançar mão de uma postura totalmente gestaltica de discutir um assunto, buscando compreender o todo, a soma das partes e não apenas um fragmento ou uma única parte desse todo.

Portanto, nosso objetivo central é discutir não exatamente os transtornos mentais, mas a atuação do Gestalt-terapeuta mediante casos de transtornos mentais, mais especificamente nos casos de crianças e adolescentes que convivem com um transtorno mental, ou ainda, que convivam com qualquer outra psicopatologia ou desajuste funcional, encarando cada uma dessas questões, segundo uma visão da prática clínica do Gestalt-terapeuta, quais as técnicas e ferramentas que podem ser utilizadas por esses profissionais nesse tipo de atendimento, partindo da problemática em torno dos transtornos mentais, para se pensar como pode proceder a prática clínica do Gestalt-terapeuta em relação ao acompanhamento desse público.

Seguindo nessa direção, para conseguirmos entender com mais clareza como sucede a aplicação de técnicas e ferramentas no atendimento de crianças e adolescentes com transtorno mental, é necessário que primeiramente entendamos mais sobre a prática clínica pela perspectiva da Gestalt-Terapia, procurando focar no atendimento infantil e, como complemento, o atendimento de adolescentes, falando também com mais propriedade sobre a relação terapeuta-cliente e sua importância para que a utilização de qualquer técnica ou ferramenta que for, seja feita com responsabilidade, pensando, antes de mais nada, no crescimento e desenvolvimento do cliente no decorrer do processo psicoterapêutico.

No caso do atendimento psicoterapêutico voltado especificamente para crianças e adolescentes, partimos de uma mesma premissa: a de que a relação terapêutica, ou seja, a relação terapeuta-cliente, deve ser construída não somente com a criança ou com o adolescente. A relação terapeuta-cliente ou o vínculo terapêutico, como chamamos, precisa ser estabelecido, principalmente, com os pais ou responsáveis dessa criança ou adolescente. Posto que o trabalho clínico psicoterapêutico, seja ele pela perspectiva da Gestalt-Terapia ou de qualquer outra abordagem, jamais deve ser realizado unicamente por intermédio da relação entre o terapeuta e a criança ou o adolescente. Mas deve ser firmado primeiramente, visando o estabelecimento de um vínculo terapêutico com os responsáveis (OLIVEIRA, 2014).

O trabalho infantil e juvenil em Gestalt-Terapia inicia-se com o estabelecimento de um vínculo terapêutico com os pais ou responsáveis. Posteriormente, o vínculo terapêutico é

estabelecido com o próprio cliente. O vínculo terapêutico estabelecido com ambos assume um caráter de “fio condutor” do processo psicoterapêutico, considerando que o trabalho clínico infantil em Gestalt-Terapia é realizado em conjunto, a partir de uma relação de cooperação entre o Gestalt-terapeuta, família e cliente (OLIVEIRA, 2014).

Para além disso, o trabalho clínico e psicoterapêutico em Gestalt-Terapia no atendimento realizado com crianças e adolescentes, via de regra perpassa os limites espaciais do consultório, chegando até outros contextos da vida do cliente, como por exemplo, em ambientes sociais e de aprendizagem, como a escola ou qualquer outro contexto, onde essa criança ou adolescente possa ser observada com mais proximidade em seus ambientes de convivência (OLIVEIRA, 2014).

O fato é que é de extrema importância que o Gestalt-Terapeuta esteja constantemente em contato não somente com a criança, mas com a família e, se preciso, com outros contextos, que fazem parte da vida e do cotidiano dessa criança ou adolescente. Assim sendo, podemos dizer com bastante convicção que, na verdade, o trabalho clínico infantil e juvenil realizado por um Gestalt-Terapeuta não acontece apenas no espaço do consultório, tampouco isoladamente entre ele e o cliente. O trabalho psicoterapêutico acontecerá em cada contexto em que esse cliente se faz sujeito.

Essa maneira de conduzir o processo terapêutico, utilizado pela Gestalt-Terapia se faz presente no atendimento de crianças e adolescentes de modo geral, sem nenhum tipo de exceção ou restrição quanto aos casos de doenças, transtornos mentais e psicopatologias. Todo e qualquer lugar pode ser conveniente e válido para se construir formas de intervenções terapêuticas junto ao cliente.

Por exemplo, em práticas psicoterapêuticas direcionadas a trabalhos clínicos em saúde mental, em que profissionais do campo da Gestalt-Terapia tiveram a oportunidade de construir oficinas de teatro e artes cênicas para portadores de transtorno mental, puderam ser constatados resultados satisfatórios quanto a utilização do teatro e das artes cênicas como uma ferramenta de intervenção terapêutica facilitadora, no tocante a expressão de pensamentos, sentimentos e vivências de pessoas com transtornos mentais (PAULA, 2013).

Ainda sobre tal trabalho clínico psicoterapêutico em saúde mental realizado com pessoas com transtornos mentais, em que foram criadas oficinas de teatro e artes cênicas, podemos destacar a possibilidade de construção de um acompanhamento psicoterapêutico em grupo, valendo-se da experiência terapêutica coletiva, como valiosa ferramenta de intervenção, conforme assinala Paula (2013, p. 360):

> O trabalho com grupos mostra-se como uma excelente oportunidade de troca de vivências e interação social. O psicólogo ocupa um papel de mediador para facilitar a comunicação e troca do grupo, além de ser um instrumento de feedback para o mesmo. Levando em consideração as especificidades dos clientes portadores de transtorno mental e das dificuldades apresentadas por grande parte deles de sentir-se pertencente a um determinado grupo (...)

Portanto, lançar a proposta de se construir uma intervenção psicoterapêutica grupal, proporciona aos sujeitos portadores de transtorno mental não simplesmente a oportunidade de sentirem-se pertencentes a um determinado grupo, mas também lhes oportuniza a possibilidade de compartilharem experiências vividas, pensamentos, sentimentos e questionamentos acerca do próprio transtorno, além de trocas importantes de experiências sobre como é a realidade de quem vive na pele um transtorno mental.

O grupo terapêutico, como ferramenta de intervenção clínica, segundo a perspectiva da Gestalt-Terapia, deve ser compreendido como um território fértil, onde há sempre espaço para a novidade, para a reflexão, para se plantar e colher novas e velhas experiências. O grupo terapêutico em Gestalt-Terapia possui um caráter dinâmico. As relações estabelecidas entre os membros do grupo, bem como as interações promovidas pelo próprio grupo, são capazes de produzir constantes movimentos de transformação na vida de cada membro que o compõe. O grupo terapêutico em si é um fenômeno em constante transformação (CARDOSO, 2009).

O grupo terapêutico ainda, pode ser compreendido como um corpo e, assim como qualquer organismo, cada membro é parte compositora do todo e desempenha seu papel de importância. Cardoso (2009, p. 130) ainda acrescenta:

> Vivências e os processos internos de cada participante transformam a realidade do grupo como um todo. Assim, trata-se de uma totalidade cujas partes são interdependentes, sejam elas conscientes ou inconscientes, coerentes ou divergentes, claras ou ambíguas.

Nesse sentido, a relação de interdependência existente entre as diferentes partes que compõem o grupo representam o universo vivencial complexo, em que a aceitação, interação e compartilhamento da realidade individual experimentada por cada integrante do grupo, oferece ao grupo terapêutico como um todo um encontro com a diversidade, nos sentidos mais variados da palavra. Diante dessa diversidade e universos de experiências individuais, cada participante do grupo terapêutico vive a possibilidade de entrar em um contato maior consigo mesmo e com o mundo, a partir de sua relação estabelecida com o próprio grupo.

Sem que nos distanciássemos do assunto principal de nossa discussão, na verdade motivando uma aproximação ainda maior com o tema proposto, pudemos elucidar, de maneira sucinta, porém explicativa, a importância das intervenções grupais, como uma possível proposta de trabalho clínico psicoterapêutico, sendo uma ferramenta de grande valia para o atendimento de crianças e adolescentes com transtorno mental, pela luz da Gestalt-Terapia.

2 A UTILIZAÇÃO DE TÉCNICAS E FERRAMENTAS E A EXPERIÊNCIA CLÍNICA NA GESTALT-TERAPIA

Embora já tenha sido demonstrado o quanto é necessário que haja uma participação efetiva dos pais no decorrer do atendimento e acompanhamento psicoterapêutico de seus filhos, muitos ainda são os desafios enfrentados por psicólogos em geral, Gestalt-terapeutas e profissionais atuantes em outras abordagens dentro do campo das psicoterapias, em se conseguir estabelecer uma verdadeira aliança terapêutica com esses pais ou responsáveis (COSTA e DIAS, 2005).

O trabalho psicoterapêutico realizado com crianças e adolescentes apresenta-se como um campo de atuação permeado por muitos pormenores e determinadas peculiaridades, as quais merecem todo cuidado e atenção por parte do psicoterapeuta que decide atuar prestando atendimento a esse público. Em relação a tais pormenores e peculiaridades que envolvem essa prática, Costa e Dias (2005, p. 44) ainda acrescentam:

> A dificuldade de conseguir estabelecer uma aliança com os pais ou responsáveis e, por conseguinte, a sua colaboração no processo terapêutico da criança, também produz no terapeuta um sentimento de impotência e solidão. Não que o processo somente com a criança não possa avançar, mas, sem dúvida, a colaboração dos pais ou responsáveis aumenta as chances de aproveitamento.

Como profissionais dispostos a trabalhar com o atendimento psicoterapêutico de crianças e adolescentes, devemos saber que, independente da demanda apresentada, temos que ter em mente que toda forma de atuação psicoterapêutica deve ser guiada, acima de tudo, por princípios éticos, pautados no respeito, na confiança e na cooperação entre todos aqueles envolvidos no processo terapêutico.

O psicoterapeuta, seguidor dos preceitos filosóficos e práticos da Gestalt-Terapia, com base Humanista-Existencial, no desenvolvimento do trabalho clínico com crianças e

adolescentes, tem como meta facilitar o exercício de autoconhecimento, possibilitando que a criança ou o adolescente viva a experiência de liberdade e poder de escolha, lhes oferecendo espaço, escuta e respeito por sua singularidade (COSTA e DIAS (2005).

Diante dessas questões subjacentes, damos prosseguimento a exposição de nossa temática em torno das técnicas e ferramentas de intervenção psicoterapêuticas em Gestalt-Terapia, para o atendimento de crianças e adolescentes com transtorno mental; discutiremos com mais atenção a respeito de uma técnica e ferramenta psicoterapêutica muito utilizada por Gestalt-terapeutas como recurso clínico indispensável, especialmente quando o assunto é o acompanhamento psicoterapêutico de crianças: a técnica do brincar.

Sobre essa perspectiva, Rodrigues e Nunes (2010, p. 189-190) assinalam:

> Brincar e a abordagem Gestáltica, é fundamental pensar na relação que se pode estabelecer entre esses dois contextos, pautada no desenvolvimento da criança, tendo o brincar como uma forma de linguagem para facilitar a expressão e comunicação no espaço terapêutico. Por meio do brincar, pode-se promover na criança as reconfigurações necessárias ao bem-estar e ao resgate de um funcionamento saudável na sua interação com o meio.

Essa visão reforça a ideia de que o brincar, dentro do contexto da psicoterapia, pode ser considerada uma técnica geradora de significativas transformações na vida de uma criança, que tenha ou não transtorno mental. Aquilo que não consegue ser dito pela criança de maneira direta, para o Gestalt-terapeuta os pensamentos que ela não consegue expressar, os sentimentos que ela não consegue nomear, são sutilmente transferidos para a realidade, tornando-se presentes e expostos ao psicoterapeuta, por meio do simples ato de brincar.

Através da brincadeira, a criança e, principalmente o Gestalt-terapeuta, tem a chance real de entrar em contato direto com o mundo imaginário dessa criança, com seus conteúdos de fantasia, os quais acabam sendo transferidos para a brincadeira. Podendo também ser observada de perto pelo Gestalt-terapeuta, sua forma verbal e não-verbal de comunicar-se com o outro e com o ambiente em sua volta. Por intermédio do brincar, o vínculo terapêutico entre o Gestalt-terapeuta e a criança pode ser estabelecido, além de proporcionar a criança momentos importantes de liberdade, expressão, diálogo e interação com a figura do terapeuta.

Contudo, ainda que técnicas terapêuticas assumam um lugar de extrema relevância no trabalho clínico, vale a pena que tenhamos bastante cuidado, ao entendermos que todas as técnicas existentes devem ser compreendidas não como formas padronizadas de se realizar um trabalho psicoterapêutico. As técnicas devem estar a serviço do Gestalt-terapeuta, como instrumentos complementares, de auxílio para a realização da intervenção psicoterapêutica,

não como único caminho para se fazer psicoterapia, conforme é explicado por Protasio (1997, p. 5):

> As técnicas devem ser compreendidas aqui como *maneira ou jeito de fazer algo*, ou seja, recurso terapêutico utilizado para que se atinja o objetivo terapêutico: facilitar a expressão do ser e promover condições para sua conscientização e expansão. *Parte material ou conjunto de processos de uma arte*, ou seja, a serviço da sensibilidade do terapeuta.

Isto é, tanto as técnicas, quanto as ferramentas de intervenção utilizadas ao longo da psicoterapia, devem funcionar como instrumentos de suporte e auxílio para o trabalho clínico do psicoterapeuta da Gestalt-Terapia, com a finalidade primordial, de alcançar os objetivos terapêuticos especificamente relacionados com as questões apresentadas pelo cliente, visando sempre a promoção de movimentos de autoconsciência, autoconhecimento e crescimento, no decorrer de seu processo psicoterapêutico.

Nessa direção, podemos ainda destacar a validade de uma outra ferramenta relevante para o desenvolvimento do trabalho clínico psicoterapêutico realizado com crianças e adolescentes: a técnica da Ludo-Terapia.

Primeiramente, antes de falarmos mais propriamente acerca da ludo-terapia como uma técnica de intervenção psicoterapêutica, a qual pode ser de grande valia para o trabalho do Gestalt-terapeuta, com crianças e adolescentes, precisamos fazer uma breve explicação sobre seu significado e proposta de intervenção. Ludo significa jogo. Terapia, recurso para ajudar o indivíduo em todas as suas questões. A Ludo-terapia aplicada a Gestalt-Terapia, é um recurso usado para auxiliar a criança em sua busca por autoconsciência, autoconhecimento e crescimento, através do jogo (PROTASIO, 1997).

A técnica da Ludo-Terapia pode consistir na aplicação de várias propostas de trabalho junto a criança ou adolescente. Pode ser proposto a realização de desenhos dirigidos, em que o psicoterapeuta propõe que o cliente faça um determinado desenho. A Ludo-Terapia pode ser traduzida também na proposta de desenho livre, em que a criança realiza o desenho que quiser, como forma de intervenção psicoterapêutica (PROTASIO, 1997).

Dentre várias outras atividades lúdicas propostas pela Ludo-Terapia, estão uso de argila, tinta, massa de modelar, brinquedos, brincadeiras, narração de histórias, teatro e, claro, o uso de jogos, propriamente dito. Todas elas usadas para facilitar o acesso do psicoterapeuta ao mundo interno da criança ou do adolescente, permitindo que os mesmos, entrem em contato com seus sentimentos e sentidos (PROTASIO, 1997).

O universo da Ludo-Terapia é muito amplo e repleto de infinitas alternativas de trabalho terapêutico. Não existe uma só maneira de se trabalhar com a Ludo-Terapia. Justamente por se tratar de um universo prático contido de inúmeras possibilidades de atuação, dentro do trabalho psicoterapêutico, a utilização dessa técnica pode servir ao terapeuta como importante ferramenta complementar no desenvolvimento, se não de todo, de grande parte do processo psicoterapêutico.

No caso, por exemplo, de uma criança que apresente um transtorno mental, poderão ser trabalhadas suas questões emocionais e comportamentais, a partir do momento em que o Gestalt-terapeuta conseguir acessá-las. A Ludo-Terapia, por sua vez, pode funcionar, de maneira bastante eficiente, como um instrumento intermediador desse acesso.

Somente após constatar que existe um vínculo terapêutico, uma aliança terapêutica baseada na confiança, realmente sólida e bem estabelecida, seja com a criança, seja com o adolescente, o psicoterapeuta pode finalmente considerar-se livre para propor qualquer tipo de intervenção terapêutica, de conotação lúdica, desde que sejam respeitados os limites claramente impostos pelo cliente. Tudo dependerá da sensibilidade do psicoterapeuta e de sua capacidade de manejo diante das questões do cliente, que possam vir a emergir no percurso da psicoterapia.

Ainda que o uso de técnicas e ferramentas possam contribuir significativamente e funcionar como parte assistencial para o desenvolvimento de um processo psicoterapêutico proveitoso, são uma parcela complementar desse processo, e não a porção essencial de seu todo.

As técnicas e ferramentas existentes para se construir intervenções psicoterapêuticas, tanto com crianças, quanto com adolescentes ou adultos, que tenham ou não transtorno mental, são várias e muitas. Cada uma delas devendo ser trabalhadas com o intuito de se atingir um objetivo terapêutico específico, ao passo que todas elas são usadas visando um único objetivo: levar o cliente a diferentes níveis de expressão de sentimentos.

Particularmente no caso de crianças, e crianças que apresentam transtorno mental, a conveniência do uso de técnicas e ferramentas de intervenção psicoterapêutica tornam-se ainda mais evidentes, quanto a finalidade da psicoterapia, de conduzir o cliente ao caminho da autodescoberta, e eficientes, para o alcance efetivo desta missão. Procurando sempre acompanhar, e não apenas conduzir o cliente a este caminho. Oaklander (1980, p. 69) assinala:

> Existe um número interminável de técnicas específicas para ajudar as crianças a exprimir sentimentos por intermédio do desenho e da pintura. Independente do que a

> criança e eu escolhemos fazer em qualquer sessão, o meu propósito básico é o mesmo. Minha meta é ajudar a criança a tomar consciência de si mesma e da sua existência em seu mundo. Cada terapeuta encontrará o seu próprio estilo para conseguir esse delicado equilíbrio entre dirigir e orientar a sessão, de um lado, e acompanhar e seguir a direção da criança, de outro.

Nesse sentido, a aplicação de técnicas e ferramentas psicoterapêuticas no trabalho realizado com crianças e adolescentes podem ser um dos caminhos a serem seguidos para a concretização desse ideal terapêutico de ajuda emocional. Um plano de fundo da relação terapêutica. Uma relação terapêutica produtiva e verdadeiramente transformadora, baseada, antes de qualquer coisa, no vínculo simbólico entre o cliente e o outro, representado na figura do psicoterapeuta. De modo que não existe motivação suficiente para que se aplique técnica ou ferramenta alguma, sem que primeiro haja tal vínculo. Não é a técnica que constrói o vínculo e sim, o vínculo que possibilita a técnica.

Independente da demanda que entra pela porta do consultório do Gestalt-terapeuta, o foco do atendimento e acompanhamento psicoterapêutico será sempre voltado para o cuidado e acolhimento do cliente. Sua doença, sua psicopatologia, ou seu transtorno mental são postos em segundo plano, para que ele mesmo, o próprio cliente, fique em primeiro.

Para isto, a Gestalt-Terapia, enquanto abordagem clínica, pautada na crença de mudança e transformação do indivíduo, não está preocupada com a doença que o acompanha, nem com a psicopatologia que o assola, tampouco com o transtorno mental que o acomete. A preocupação da Gestalt-Terapia concentra-se no indivíduo, enquanto forma única e singular de existência, quanto às suas maneiras únicas e singulares de existir e de viver seu sofrimento.

Acima de tudo, a Gestalt-Terapia compreende que, o olhar sobre a pessoa, sobre o ser humano, é indescritivelmente mais importante que o olhar sobre a doença. Um ser humano não é o seu transtorno mental; reduzi-lo a tal, é de todo inadmissível, sobretudo para a Gestalt-Terapia. A psicoterapia não é um processo somente centrada na pessoa. Mas é um processo, que tem a pessoa como centro. A vida, a existência, o movimento, a essência, o mais genuíno jeito de ser, em sua centralidade.

Pois, o verdadeiro sentido da aplicação de técnicas e a utilização de ferramentas na psicoterapia, deve transcender a ideia de tratamento. Aliás, o verdadeiro sentido da psicoterapia deve romper com os posicionamentos simplistas, relativos ao uso indiscriminado de técnicas e ferramentas, e com as visões reducionistas da noção de tratamento, ultrapassando a dimensão psicopatológica do transtorno mental, para oferecer um espaço terapêutico fértil, onde possa realmente haver transformação e movimento. Um lugar de total

comprometimento com o crescimento saudável e funcional do indivíduo. Funcional, no sentido da nossa certeza, de sabermos que todo organismo é, por sua vez, dotado de recursos necessários a seu funcionamento harmonioso, ajustado e criativo.

Como ressalta Ribeiro (1985, p. 28):

> Uma psicoterapia, preocupada com a valorização do humano, procura diretamente lidar com o que de positivo tem a pessoa, procura lidar com seu potencial de vida (saúde, beleza, força, etc.), procura fazer com que o cliente tome, de fato, posse de si mesmo e do mundo. Tal postura não significa que não se tente compreender o sentido das limitações, das fronteiras, da morte, no contexto da psicoterapia, pois, psicoterapia tem que ser expressão e compreensão da própria vida.

Eis, por fim, a Gestalt-Terapia. Uma psicoterapia comprometida com a vida. Muito mais do que preocupar-se com a valorização do humano, podemos ir mais longe e dizermos, que a Gestalt-Terapia, interessa-se em valorizar o humano. Mais do que isso, uma psicoterapia a qual valoriza toda sorte de essência e existência humana. A Gestalt-Terapia, deve estar voltada para o positivo existente em cada ser. O Gestalt-terapeuta, deve ser morada, para o acolhimento desse ser. De modo que, não é o que a vida nos faz. Não são o que as adversidades fazem com nossa vida, tampouco o que um transtorno mental pode fazer com ela. Mas sim, é o que podemos fazer, com nossa potência de vida; com a potência para a vida, que existe em todos nós.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho foi pensado segundo a perspectiva de construirmos uma pesquisa de caráter qualitativo. Para tanto, por tratar-se de uma pesquisa qualitativa, realizamos um estudo exploratório, no qual tivemos a intenção de investigar acerca das técnicas e ferramentas utilizadas por Gestalt-terapeutas no atendimento de crianças e adolescentes com transtorno mental. Estudo no qual buscamos reunir trabalhos acadêmicos e pesquisas científicas já realizadas, que apresentam dados e informações relevantes sobre a temática então proposta, através do método exploratório de investigação.

Aplicamos o tal método de investigação, por intermédio da realização de uma pesquisa bibliográfica, em que procuramos a maior quantidade de materiais elaborados relacionados com o assunto abordado, selecionando os determinados trabalhos acadêmicos e pesquisas científicas que melhor se enquadravam a nossa problemática de estudo.

Tivemos o cuidado de utilizar somente materiais de produção científica já elaborados e devidamente publicados, como artigos científicos, livros específicos sobre o assunto tratado, teses e dissertações, todos voltados para a especificidade do tema e que representam expressiva contribuição ao campo das ciências humanas e sociais. Todas as obras de referência apresentadas ao longo do trabalho, foram encontradas em acervos digitais de instituições de ensino superior, fontes provindas de periódicos científicos "online" e sites especializados em qualquer um dos assuntos aqui problematizados. A realização deste artigo científico, teve por principal intuito a busca incansável por respostas aos problemas inicialmente lançados por nós, além da procura incessante por resoluções plausíveis para cada uma das abordagens centrais de nossa discussão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, nos propomos a levantar uma discussão sobre a temática voltada para a existência de técnicas e ferramentas, que podem ser utilizadas por Gestalt-terapeutas, como formas de intervenção psicoterapêutica eficaz, no atendimento de crianças e adolescentes com transtorno mental.

Como ponto de partida de nosso trabalho, lançamos mão, primeiramente, das contribuições de Memdes & Baratieri (2011), para fazermos algumas pertinentes considerações acerca da Gestalt-Terapia, discutindo de maneira um tanto quanto breve, porém objetiva, sobre o percurso traçado por seus precursores, até que a Gestalt-Terapia fosse finalmente estabelecida e totalmente constituída como abordagem psicoterapêutica.

Para isso, fez-se necessário recontar parte da história da Gestalt-Terapia, ainda que de modo resumido, através dos relatos apresentados por Ribeiro (2007). Na verdade, recontando parte da vida e obra de Frederick Salomon Perls, o tão conhecido Fritz Perls, considerado o principal precursor e idealizador da Gestalt-Terapia, como uma abordagem clínica e psicoterapêutica. Destacamos uma das influências filosóficas mais importantes da Gestalt-Terapia, e as correntes filosóficas que mais influenciaram a construção da Gestalt-Terapia, segundo os apontamentos de Alvim & Ribeiro (2009). Dando destaque especial para as correntes Humanista, Fenomenológica e Existencial, correntes filosóficas que serviram de base inicial e fundamento para a Gestalt-Terapia, enquanto abordagem teórica e prática clínica.

Além de termos ainda, recontado um pouco melhor essa história, discorrendo sobre os esforços de Fritz para construir uma abordagem clínica que pudesse ser considerada como

uma psicoterapia. Ressaltando que a construção da Gestalt-Terapia não se fez apenas pelos esforços e ideais terapêuticos introduzidos por Fritz Perls ao decorrer dessa trajetória. Ele também dependeu intimamente da colaboração de vários outros nomes de importância, inclusive da contribuição de sua companheira, Laura Perls, para que então a Gestalt-Terapia se constituísse como tal.

Recontar a história da Gestalt-Terapia e de seu principal precursor em resumo, foi o modo que encontramos para elucidar os conceitos básicos e em que a Gestalt-Terapia está fundamentada. A ideia é que entendêssemos que a Gestalt-Terapia não foi construída segundo um único pensamento. A Gestalt-Terapia, na verdade, é uma junção de pensamentos, um conjunto de conceitos e preceitos filosóficos, todos eles voltados para uma compreensão mais ampla e expansiva do ser humano.

Em complemento ao ideal gestaltico de proposta psicoterapêutica e sua visão de Homem, fez-se necessário ainda que explicássemos, de maneira mais direta e pormenorizada, o que de fato é o conceito fenomenológico para a Gestalt-Terapia, do que se trata a fenomenologia e o que realmente pode ser entendido como fenômeno, em Gestalt-Terapia. Na oportunidade, também foram expostas algumas pinceladas explicativas sobre o pensamento Humanista-Existencial em Gestalt-Terapia, através dos apontamentos de Cardoso (2009), direcionando a discussão de nosso trabalho, para o conceito de totalidade e sua importância, para o processo psicoterapêutico, segundo o entendimento defendido pela Gestalt-Terapia.

Logo adiante, também pudemos dirigir nossa discussão para o conceito de potencialidade, no sentido mais gestáltico possível da palavra, tratando da potência humana, articulando o entendimento de potência com a questão do transtorno mental, e da realidade de pessoas que convivem com um transtorno mental. Para focarmos, em seguida, na questão da aplicação de técnicas e ferramentas de intervenção psicoterapêutica, voltadas para o atendimento de crianças e adolescentes com transtorno mental, tendo como base o trabalho clínico do Gestalt-terapeuta, propriamente dito.

Para que deixássemos a discussão acerca da utilização de técnicas e ferramentas de intervenção psicoterapêutica, no atendimento de crianças e adolescentes com transtorno mental mais clara, foi preciso partirmos da própria prática da psicoterapia infantil, em específico, lançando mão dos trabalhos realizados por alguns autores, como Costa & Dias (2005), e Oliveira (2009), para que entendêssemos melhor, parte da experiência e realidade de um Gestalt-Terapeuta que trabalha com crianças, fazendo um breve panorama acerca da prática psicoterapêutica infantil.

Aprofundamos a questão acerca da aplicação de técnicas e ferramentas em trabalhos psicoterapêuticos, partindo de uma intervenção terapêutica de grupo, realizada por Paula (2013), em que foram construídas oficinas de teatro e artes cênicas, como proposta de intervenção psicoterapêutica, voltada para o atendimento e acompanhamento psicológico, de indivíduos portadores de algum tipo de transtorno mental.

Portanto, a partir das contribuições de Paula (2013) foi possível ser constatado a importância da realização de um trabalho terapêutico grupal, em que oficinas de teatro e artes cênicas, puderam funcionar como técnica e ferramenta de intervenção, de grande pertinência e utilidade, para trabalhar questões, sentimentos e formas de expressão, de indivíduos que possuam transtorno mental. E como a Gestalt-Terapia, por sua vez, pode contribuir significativamente em propostas terapêuticas que envolvam o campo da saúde mental.

Na oportunidade, aproveitamos ainda para discutir a importância do vínculo terapêutico entre a criança/adolescente, com o Gestalt-terapeuta, para que, a utilização de técnicas e ferramentas de intervenção terapêutica, seja viabilizado junto ao cliente, contribuindo positivamente em seu processo terapêutico. Além de termos frisado ainda a necessidade de que se construa o vínculo terapêutico com os pais ou responsáveis da criança ou adolescente, antes de se buscar a criação de um vínculo terapêutico com esses próprios clientes.

No entanto, não poderíamos deixar de mencionar os desafios e dificuldades enfrentadas por Gestalt-terapeutas e psicoterapeutas em geral, em se conseguir, de fato, criar um vínculo terapêutico com os pais ou responsáveis de crianças e adolescentes.

Verificamos também, a utilização recorrente da brincadeira, como possível técnica de intervenção e ferramenta psicoterapêutica, no trabalho realizado principalmente com crianças, como foi demonstrado por Rodrigues & Nunes (2010). Contamos, também, com a colaboração de Protasio (1997), para falarmos de maneira mais específica, acerca da Ludo-Terapia, como técnica de intervenção e ferramenta de grande validade para o trabalho do Gestalt-terapeuta, no atendimento realizado com crianças e adolescentes, apresentando como a Ludo-Terapia pode ser usada de múltiplas formas possíveis, pelo viés da Gestalt-Terapia, para ajudar o cliente em seu processo terapêutico.

Em continuidade, tivemos a oportunidade de convocar Oaklander (1980), para esclarecermos acerca do verdadeiro sentido da aplicação de técnicas e utilização de ferramentas de intervenção psicoterapêutica, no atendimento e acompanhamento psicológico de crianças e adolescentes, pela luz da Gestalt-Terapia, analisando a prática clínica do Gestalt-

Terapeuta, seu papel e real função para o andamento do processo terapêutico e para a vida do cliente.

Por último, com a colaboração decisiva de Ribeiro (1985), nos foi possível discutir a questão em torno dos transtornos mentais sobre o manejo clínico do Gestalt-Terapeuta, em relação ao atendimento e acompanhamento psicológico de crianças e adolescentes, fazendo uma análise, acerca da aplicação de técnicas e a utilização de ferramentas, articulando com a prática clínica da Gestalt-Terapia, sua visão e compreensão de ser humano e mundo.

TECHNIQUES AND TOOLS USED BY GESTALT-THERAPISTS IN ASSISTING CHILDREN AND TEENAGERS WITH MENTAL DISORDERS

ABSTRACT: This work presents an analysis about the application of techniques and the use of psychotherapeutic intervention tools in the care given to children and teenagers who live with some type of mental disorder according to the theoretical-practical view of the Gestalt-Therapy approach. We also intended to examine the main techniques and tools that can be used by Gestalt therapists in the accomplishment of this type of care, seeking to address the importance of the use of these therapeutic intervention tools for the development of a therapeutic relationship that is transformative and that could promote mental health.

Keywords: Gestalt-Therapy; Care of children and adolescents; Techniques and tools.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVIM, Mônica Botelho; RIBEIRO, Jorge Ponciano. O Lugar da Experimentação no Trabalho Clínico em Gestalt-Terapia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia,** UERJ, RJ, Ano 9, n.1, p. 37-58, 1° Semestre de 2009. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v9n1/artigos/pdf/v9n1a05.pdf>. Acesso em: 27 de abr. 2017.

CARDOSO, Cláudia Lins. Grupos terapêuticos na abordagem gestáltica: uma proposta de atuação clínica em comunidades. **Estudos e Pesquisas em Psicologia,** UERJ, RJ, Ano 9, n.1, p. 124-138, 1° semestre de 2009 – Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v9n1/artigos/pdf/v9n1a10.pdf>. Acesso em: 27 de abr. 2017.

COSTA, Maria Ivone Marchi; DIAS, Cristina Maria Souza Brito. A prática da psicoterapia infantil na visão de terapeutas nas seguintes abordagens: psicodrama, Gestalt terapia e centrada na pessoa. **Revista Estudos de Psicologia. Campinas,** v. 22, n. 1, p**.** 43-51, jan/mar, 2005.

MENDES, Francisco Mário Pereira; BARATIERI, Iara Lais Raittz. Fronteiras do contato. Gestalt terapia e as influências de Wilhelm Reich. In: **Encontro Paranaense, Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais,** XVI, XI, 2011. Anais. Curitiba: Centro Reichiano,

2011. [ISBN – 978-85-87691-21-7]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos>. Acesso em: 27 de abr. 2017.

OAKLANDER, Violet. **Descobrindo Crianças**. São Paulo: Summus Editorial, 1980.

OLIVEIRA, Evelyn Denisse Felix de**.** Um panorama do processo psicoterapêutico infantil em Gestalt-Terapia. **Revista IGT na Rede,** v.11, n. 20, p. 105-119, 2014. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/ojs ISSN: 1807 -2526>. Acesso em: 27 de abr. 2017.

PAULA, Ana Carolina Pacheco de. Contribuições gestálticas no trabalho com portadores de transtorno mental através da Oficina de Teatro e imagem. **Revista IGT na Rede,** v. 10, n. 19, 2013, p. 351 – 370. Disponível em: < http://www.igt.psc.br/ojs ISSN: 1807-2526>. Acesso em: 27 de abr. 2017.

PROTASIO, Myriam Moreira. Técnicas da Gestalt-Terapia aplicadas a Ludoterapia. **Revista IFEN,** ANO 1. Rio de Janeiro, junho/1997. Disponível em >http://www.igt.psc.br/ojs ISSN: 1807 -2526>. Acesso em: 27 de abr. 2017.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-terapia:** Refazendo um caminho. São Paulo: Summus Editorial, 1985;

RIBEIRO, Walter Ferreira da Rosa. Gestalt-Terapia no Brasil: recontando a nossa história. **Rev. abordagem gestalt.,** Goiânia , v. 13, n. 2, p. 255-259, dez. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180968672007000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 de abr. 2017.

RODRIGUES, Priscila; NUNES, Arlene Leite. Brincar: Um Olhar Gestáltico. **Revista da Abordagem Gestáltica,** v. 16, n. 2, p. 189-198, jul-dez, 2010;

TELLEGEN, Therese Amelie. **Gestalt e grupos**. São Paulo: Summus Editorial,1984.